

NEVES, Barbara Coelho. **Inclusão digital na Educação**: ciborgues, hackers e políticas públicas. Curitiba: Editora CRV, 2019. Prefácio.

Já no final da *Introdução* deste livro, depois de ler a brilhante síntese das trilhas teóricas, dos procedimentos e instrumentos da pesquisa, me veio à mente a metáfora de Rubem Alves, na sua *Filosofia da ciência*³: “O cientista é um caçador do invisível na realidade visível”.

Nesse sentido, para Carl Sagan, “as habilidades argumentativas de rastreamento [dos !Kung San]⁴ são ciência em ação”.⁵ E Carlo Ginzburg complementa: “O caçador teria sido o primeiro a ‘narrar uma história’ porque era o único capaz de ler, nas pistas mudas (se não imperceptíveis) deixadas pela presa, uma série coerente de eventos”.⁶

Aqui, neste livro, estamos diante da narrativa de uma caçadora — hábil na descrição das trilhas, tenaz na perseguição aos objetivos, criativa nos processos de abordagem —, que se dispôs, corajosamente, a prospectar um território onde outros caçadores ainda não chegaram. E como chegar lá? Brauseando os indícios, um procedimento que consiste em exercer a “arte de não se saber o que se quer até que se o encontre”.⁷ Trata-se de instrumento apropriado para caçadores que buscam indícios em territórios da literatura científica.⁸

E eis que nossa caçadora saiu a jornadas, de olho nos indícios da caça, seguindo a trilha traçada no mapa teórico, em busca dos indícios de padrões de forma e o conteúdo que sustentem a evolução da temática *inclusão digital* na produção científica da área de Educação, no Brasil. Seu campo foi delimitado em teses e dissertações que abordam a temática, defendidas a partir de

¹ Título de tutorial de introdução à metodologia da ciência *on line*. Disponível em:

http://www.lti.pro.br/?Tecnologias_Intelectuais_Tornando-se_um_ca%C3%A7ador

² Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa-PB. Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-0583-2132>

³ ... Introdução ao jogo e suas regras. 20ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.39.

⁴ Povo habitante do deserto do Kalahari, em. Ver em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Povo_san

⁵ *O mundo assombrado pelos demônios*. A ciência vista como uma vela no escuro. SP: Cia. Das Letras, 1996. p.301.

⁶ *Mitos, emblemas, sinais*: morfologia e história. São Paulo: Cia. das Letras, 1989. p.152.

⁷ ARAÚJO, V.M.R. Hermes de. *Sistemas de recuperação da informação*: nova abordagem teórico-conceitual. Tese (Dout. Com. e Cult.). Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. p.189.

⁸ Como em FREIRE, I.M. Sobre a temática “responsabilidade social” na literatura da ciência da informação indexada pela Brapci. *LOGEION: Filosofia da informação*, v. 1 n. 1, p. 59-76, ago./fev. 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/1492-2158-1-PB.pdf>

2000. Uma questão enseja e permeia a jornada no território da literatura: *como este tema vem sendo estudado e fundamentado, ao longo dos anos 2000, na perspectiva de constituição de uma agenda de pesquisa nesse campo para a educação brasileira?*”.

Com ajuda da tecnologia apropriada, nossa destemida caçadora veio a ter sucesso na sua empreitada, e o que estava invisível — a abordagem e discussão da inclusão digital na educação brasileira —, tornou-se visível.

Como primeiro resultado foram identificadas categorias que constituem linhas de pesquisa de inclusão digital no campo da Educação no Brasil. A narradora apresenta e discute cada uma delas, considerando o contexto: o foco na formação do professor, o foco os processos educacionais, o foco na inclusão digital, inclusão digital nos currículos e acessibilidade na educação. Sua narrativa é rica em elementos de descrição, avaliação e análise, trazendo para nosso grupo de leitores a emoção e as observações desde o planejamento à experiência de ir ao campo de caça em busca dos indícios de uma temática extremamente relevante para o campo da Educação. Donde *A relevância de uma agenda de inclusão digital na Educação*, como defende no final da *Introdução*.

Para nos inserir no contexto de sua jornada, a caçadora apresenta um mapa epistemológico *Do conhecimento sobre inclusão digital na educação*, para nos guiar nas trilhas da abordagem teórica: compartilhamos o conhecimento sobre o conhecimento na perspectiva da narradora, acompanhando os conceitos que se entrelaçam na urdidura do texto. A seguir, em *As tecnologias digitais e a inclusão digital na educação brasileira*, conhecemos os instrumentos de análise através dos quais o caos dos dados se transformará em estrutura reveladora de um padrão — a mandala multidisciplinar dos estudos da inclusão digital.

E nos *Aspectos teóricos-conceituais e metodológicos da inclusão digital na educação*, nos tornamos participantes dessa jornada no território da literatura brasileira em Educação. A caçadora compartilha conosco as variáveis que orientaram sua incursão nesse campo científico: perfil do pesquisador de inclusão digital na educação; território científico da inclusão digital na Educação; aspectos da interlocução do termo inclusão digital na educação: o diagrama multidisciplinar; fundamentos de inclusão social nos estudos de inclusão digital na educação; conceito de inclusão social na Educação: enfoque na inclusão digital. Em volta da fogueira do conhecimento, ouvimos, aprendemos, e acrescentamos nossas vivências e reflexões à narrativa.

Ao final, nos *Apontamentos para uma agenda de inclusão digital*, recomendações e novos questionamentos para serem inscritos numa agenda de inclusão digital na Educação.

De modo que, finda a narrativa, tem-se que nossa destemida caçadora revelou a produção sobre inclusão digital na literatura do campo da Educação. Fez a jornada do conhecimento e voltou para contar sua história.

E é uma história muito bem contada, vocês vão ler.